

A Arte como auxílio no desenvolvimento cognitivo da pessoa cega

Art as an aid in the cognitive development of the blind person

Maria José Ferreira de Sousa¹
Universidade Federal do Piauí - UFPI

Odailton Aragão Aguiar²
Universidade Federal do Piauí - UFPI

RESUMO

Falar da arte como auxílio no desenvolvimento cognitivo da pessoa cega, nos leva a refletir sobre a importância de entender como ocorre esse processo. Para a realização dessa pesquisa optei pela pesquisa qualitativa, envolvendo análise dos conteúdos obtidos através de uma oficina realizada com pessoas cegas da Associação dos cegos do Piauí - ACEP. Percebemos que ao transmitir o ensino de artes a pessoa cega, o seu desenvolvimento cognitivo é ampliado de forma significativa o que a permite pintar e utilizar as cores mesmo sem vê-las, não negamos que existem dificuldades, pois também encontramos mais percebemos que existe a possibilidade de superação. A base bibliográfica do trabalho seguiu parâmetros de Masini (2007), Barbosa (2006) que relatam como arte pode auxiliar no desenvolvimento cognitivo da pessoa cega, e de como o sistema háptico pode ser ampliado através da arte. Este trabalho permitiu uma melhor compreensão do modo de como a arte pode ajudar no desenvolvimento cognitivo da pessoa cega. O resultado desse trabalho mostrou que a pessoa cega tem o seu desenvolvimento cognitivo ampliado a partir do momento que ela começa a conhecer as cores e através desse conhecimento ela consegue realizar a pintura de uma tela, ampliado o seu tato e conseqüentemente a sua sensibilidade em sentir as cores e fazer uso delas e que a pintura vai muito além da visão. A tabela Feelipa criada em 2009 pela designer portuguesa Filipa Nogueira Pires que a partir das formas geométricas, foi primordial para a realização desse trabalho.

Palavras-chave: Arte. Cegueira. Desenvolvimento cognitivo.

ABSTRACT

Talking about art as an aid in the cognitive development of the blind person leads us to reflect on the importance of it and understand how this process occurs. To carry out this research I opted for qualitative research, involving analysis of the contents obtained through a workshop held with blind people of the Association of the blind of Piauí - ACEP. We realized that when transmitting the teaching of arts to the blind person, their cognitive development is significantly expanded, which allows them to paint and use colors even without seeing them, we do not deny that there are difficulties, because we also find it more we realize that there is the possibility of overcoming. The bibliographic basis of the work followed parameters of Masini

¹ Graduada em Pedagogia (UESPI). Graduanda em Artes Visuais (UFPI), Teresina, Piauí, Brasil. Endereço para correspondência: Quadra 263, casa 15 Conj. Dirceu Arcoverdell, bairro Itararé, cidade Teresina, Estado Piauí, país Brasil, CEP 64078-286. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-3784-1992> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7161785111039574>. E-mail: mariasousamar@hotmail.com.

² Doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Associado IV, Chefe do Departamento de Artes (UFPI), Teresina, Piauí, Brasil. Endereço para correspondência: Rua Primeiro de Maio, 2577, Aeroporto, Teresina, Piauí, Brasil, CEP: 64003-715. (Universidade Federal do Piauí - Campos Ministro Petrônio Portella - Ininga). ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-4638-6167> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2555010137807631>. E-mail: dailto@ufpi.edu.br

(2007), Barbosa (2006) that report how art can help in the cognitive development of the blind person, and how the ptitic system can be expanded through art. This work allowed a better understanding of how art can help in the cognitive development of the blind person. The result of this work showed that the blind person has his cognitive development expanded from the moment he begins to know the colors and through this knowledge he can perform the painting of a canvas, enlarged his touch and consequently his sensitivity in feeling the colors and making use of them and that the painting goes far beyond vision. The Feelipa table created in 2009 by the Portuguese designer Filipa Nogueira Pires, which from geometric shapes was paramount to the realization of this work.

Keywords: Art. Blindness. Cognitive development.

RESUMEN

Hablar del arte como una ayuda en el desarrollo cognitivo de la persona ciega nos lleva a reflexionar sobre la importancia del mismo y a entender cómo se produce este proceso. Para llevar a cabo esta investigación opté por la investigación cualitativa, que implica el análisis de los contenidos obtenidos a través de un taller realizado con personas ciegas de la Asociación de Ciegos de Piauí - ACEP. Nos dimos cuenta de que al transmitir la enseñanza de las artes a la persona ciega, su desarrollo cognitivo se expande significativamente, lo que les permite pintar y usar colores incluso sin verlos, no negamos que existen dificultades, porque también encontramos más nos damos cuenta de que existe la posibilidad de superación. La base bibliográfica del trabajo siguió parámetros de Masini (2007), Barbosa (2006) que relatan cómo el arte puede ayudar en el desarrollo cognitivo de la persona ciega, y cómo el sistema ptitic puede expandirse a través del arte. Este trabajo permitió una mejor comprensión de cómo el arte puede ayudar en el desarrollo cognitivo de la persona ciega. El resultado de este trabajo demostró que la persona ciega tiene su desarrollo cognitivo expandido desde el momento en que comienza a conocer los colores y a través de este conocimiento puede realizar la pintura de un lienzo, agrandando su tacto y en consecuencia su sensibilidad en sentir los colores y hacer uso de ellos y que la pintura va mucho más allá de la visión. La mesa Feelipa creada en 2009 por la diseñadora portuguesa Filipa Nogueira Pires, que a partir de formas geométricas fue primordial para la realización de este trabajo.

Palabras clave: Arte. Ceguera. Desarrollo cognitivo.

INTRODUÇÃO

A visão se apresenta como um dos órgãos mais importante para a relação homem - mundo. Segundo Censo 2010 realizado pelo IBGE, existem 528.624 pessoas com deficiência visual total no Brasil e 7.866 pessoas no estado do Piauí. Isso corresponde a quase 28% da população, e revela necessidade de incremento em políticas públicas para absorver e cuidar dessas pessoas.

Em 2011 foi realizada uma pesquisa sobre o aprendizado da criança cega na perspectiva das professoras do CMEI Tia Graça Nery, o resultado à época serviu como trabalho de conclusão do curso de Pedagogia na Universidade Estadual do Piauí. Desde então, busco entender o mundo da pessoa cega e, assim, contribuir com meios que auxiliem na sua educação e desenvolvimento cognitivo. Atualmente no curso de Artes Visuais, como o próprio nome propõe, temos uma vivência bastante visual e isso despertou o interesse em tentar descobrir como uma pessoa cega poderia adquirir o conhecimento das cores, de que forma ela conseguiria realizar a pintura de uma tela, por exemplo e como a arte poderia auxiliar no desenvolvimento cognitivo da pessoa cega.

A Arte como auxílio no desenvolvimento cognitivo da pessoa cega

Estabeleceu-se diante dessa problemática os seguintes objetivos: Analisar de que forma a arte pode auxiliar no desenvolvimento cognitivo da pessoa cega; Identificar o uso da arte no desenvolvimento cognitivo da pessoa cega; observar as dificuldades encontradas pela pessoa cega em aprender as cores e fazer uso delas; mostrar como uma pessoa cega pode superar as dificuldades e produzir um trabalho artístico.

Para a realização desse trabalho procuramos identificar os cegos que participam da ACEP e que possuem a perda da visão total, como também como o ensino de artes é repassado para cada um.

2. O APRENDIZADO DA PESSOA CEGA

A história da educação dos deficientes visuais se desenvolveu através de diversas tentativas, muitas vezes criações desenvolvidas por eles próprios para vencer os desafios com que se defrontaram nos diversos tempos e lugares. Foram inventadas várias formas de alfabetos que poderiam ser percebidos pelo tato, inclusive letras gravadas em madeira, fundidas em chumbo ou recortadas em papelão. O método Braille é uma dessas tentativas, composto por seis pontos em relevo, dispostos em duas colunas de três pontos que, quando combinados, se transformam no alfabeto convencional e em sinais de pontuação.

Mediante a tantas tentativas de se comunicar através da escrita entendemos que a pessoa cega terá uma forma de aprendizagem diferenciada, visto que ela precisará aprender: a dar nomes a objetos, diferenciar suas formas, terá que assumir a linguagem corporal adequada diante dos questionamentos a elas destinada, terá que fazer imagens mentais através de experiências táteis, auditivas e olfativas, para assim formar o seu conceito do mundo que a cerca. A pessoa com deficiência visual sente uma necessidade de ser aceita e respeitada por uma pessoa “vidente” (Pessoa dotada da capacidade de visão), isso por serem tratadas muitas vezes como coitadinhas. Pensar em deficiente visual faz surgir um sentimento de dúvida por “acharem” que o mundo para essa pessoa será limitado e sem perspectiva.

A pessoa cega utilizará seus outros órgãos de sentido para se relacionar, o que não a impedirá de explorar o mundo a sua volta e ampliar seu conhecimento acerca do ambiente em que vive. Assim, ela poderá através de vivências do cotidiano, explorar de forma agradável e prazerosa cada órgão do sentido, descobrindo uma forma diferente de ver e conhecer o mundo.

2.1 APRENDIZAGEM ATRAVÉS DA AUDIÇÃO

O cego conviverá com vários tipos de sons e através dos estímulos aprenderá como distinguir cada um, PIÑERO, QUERO e DÍAZ (2003, p.196) afirmam que: “qualquer grau de

SOUSA, Maria José Ferreira de. AGUIAR. Odailton Aragão

audição é valioso e digno de ser desenvolvido o mais cedo possível. Ouvir e associar sons às situações é uma tarefa de aprendizagem”. É pelo ouvido que o cego terá a percepção sensorial de profundidade do ambiente a sua volta.

Através desse estímulo a pessoa cega ampliará essa habilidade para que ela possa com precisão realizar a localização da fonte sonora e sua intensidade. A localização possibilita a pessoa com deficiência visual total, perceber, os passos que vem em sua direção ou o rádio ligado, som da fala de alguém, podem assim direcionar o rosto para a direção do som.

Desenvolver essa habilidade significa permitir a pessoa cega mais atenção e discriminação por parte da mesma, para que ela possa selecionar precisamente a fonte sonora para melhor se orientar em ambientes conhecidos ou não, assim sendo, sempre deverá ser informada sobre os sons do ambiente. A voz humana nas atividades do cotidiano pode auxiliá-la na aprendizagem de conceitos de tempo e espaço.

2.2 A APRENDIZAGEM ATRAVÉS DO TATO

A privação total de visão transforma o sentido do tato numa das principais fontes de informação na falta da audição, à medida que a pessoa cega manipula, pressiona, levanta diferentes objetos, vai adquirindo conhecimento sobre formas, tamanhos, pesos, espessuras, texturas, etc., assim, o máximo de informações adquiridas sobre esses objetos a fará diferenciar uns dos outros e posteriormente facilitará ao cego a realizar o reconhecimento desse objeto.

O exemplo do ilustre cego prova que o tato pode tornar-se mais delicado que a vista, quando aperfeiçoado pelo exercício; pois, percorrendo com as mãos uma série de medalhas, ele discernia as verdadeiras das falsas, embora as últimas fossem tão bem contrafeitas a ponto de enganar um conhecedor dotado de bons olhos. (DIDEROT, 1979 APUD REV. BENJAMIN CONSTANT, 2011, p. 43).

O tato é o maior órgão do sentido do ser humano, pois ele se estende por toda a pele, é através dele que sentimos as sensações mais intensas e diversas que possam nos cercar, por exemplo: o frio, o calor, a dor, o tocar na pele, o afago no cabelo, um beijo no rosto, etc., estas e outras sensações o tato é que se torna o responsável maior.

É através da pele que a pessoa cega poderá fazer o reconhecimento da sensação de calor e frio. Ao utilizar os pés, o mesmo poderá identificar diferentes tipos de: tapetes, assoalhos, pisos, como também se existem declínio ou subida no caminho a percorrer, a pessoa cega consegue perceber mudanças verticais leves da superfície que muitas vezes passam despercebidas pelas pessoas que enxergam (videntes).

Faz-se necessário que o professor alfabetizador tenha como ponto de partida trabalhar o sentido tátil, usando a palma das mãos, os dedos e as mãos em conjunto para explorar objetos. Essas noções são importantes para a percepção e a reprodução das semelhanças e diferenças das combinações dos pontos que representam as letras. O tato, a destreza

A Arte como auxílio no desenvolvimento cognitivo da pessoa cega

tátil e a coordenação manual precisam estar desenvolvidos, pois tanto a técnica da leitura quanto a escrita das letras dependem de movimentos sincronizados das mãos e da percepção tátil de diferenças. (REV. BENJ. CONSTANTE, 2011, pag. 5).

A exploração tátil é a fonte de acesso ao conhecimento e reconhecimento das primeiras letras e símbolos, assim, torna-se indispensável trabalhar esse órgão do sentido em pessoas cegas, pois através dessa percepção ela poderá perceber as diferentes letras existentes no Sistema Braille, Sistema esse que utilizará para a realização da leitura e escrita.

2.3 APRENDIZAGEM ATRAVÉS DO OLFATO

De acordo com um estudo feito pela National Geographic Chanel, na 24ª semana o feto em formação já desenvolve o olfato, mesmo dentro da barriga da mãe já consegue sentir alguns aromas no lado externo, no momento em que mãe se encontra cozinhando, o mesmo já consegue sentir o odor de alimentos com cheiros mais fortes como o alho e da cebola.

Deste modo a pessoa cega, terá mais facilidade em trabalhar o olfato, visto que ele o olfato é o mais direto dos órgãos de sentido. Através do olfato que o cego poderá aprender a distinguir diferentes odores que lhe cerca, conhecerá a diferença entre cheiros agradáveis e desagradáveis, poderá fazer a distinção entre o cheiro das flores e das frutas, diferenciar, por exemplo, um perfume de um desinfetante, sabonete de sabão, etc.

Assim, esse sentido deverá ser bastante explorado pela pessoa cega, pois será de grande ajuda na sua locomoção, contribuindo para os cuidados pessoais na discriminação de produtos de diferentes naturezas, como alimentação, higiene pessoal, medicamentos, etc. a mesma terá mais oportunidades de explorar o ambiente em que se encontra e percorrer mais caminhos pela interação direta com ele.

2.4 APRENDIZAGEM ATRAVÉS DO PALADAR

O paladar estar diretamente ligado ao olfato, por esse motivo recebem informações relevantes. Através do paladar a pessoa com deficiência visual total poderá conhecer sabores de diversificados dos diferentes tipos de alimento.

O cego poderá identificar os quatro sabores básicos dos alimentos: doce, salgado, azedo e amargo. Poderá classificar os sabores das frutas fazendo associação entre o sabor e o nome.

3 A ARTE E O DESENVOLVIMENTO COGNITIVO

Sabemos que a arte contribui de forma significativa para o desenvolvimento cognitivo o que promove um diálogo direto com a consciência e leva a uma construção de conhecimento de forma direta e indireta. FONSECA (2011, p.72) afirma que:

Com um ensino adequado e devidamente mediatizado, com prática e treino, as funções ou competências cognitivas, como as psicomotoras, podem ser melhoradas e aperfeiçoadas, uma vez que todos os indivíduos possuem um potencial de aprendizagem para se desenvolver de forma mais eficaz do que efetivamente tem feito.

Entendemos que, a arte pode contribuir consideravelmente com esse desenvolvimento, visto que em esse papel ela realiza promovendo aproximações inesperadas dando um novo sentido e podendo criar ligações onde antes não existia.

O cérebro é o responsável direto pela comunicação entre todos os órgãos do sentido, promovendo o desenvolvimento cognitivo de cada pessoa, nesse sentido arte consegue fazer com que o cérebro interaja de forma mais prazerosa com o corpo trazendo resultados positivos dentro do trabalho realizado. BARBOSA (2006), afirma que:

Na construção da Arte utilizamos todos os processos mentais envolvidos na cognição. Existem pesquisas que apontam que a Arte desenvolve a capacidade cognitiva da criança e do adolescente de maneira que ele possa ser melhor aluno em outras disciplinas. [...] Em Arte, opera-se com todos os processos da atividade de conhecer. Não só com os níveis racionais, mas com os afetivos e emocionais. (BARBOSA, Ana Mae. Entrevista. Carlos Gustavo Yoda e Eduardo Carvalho – Carta Maior – Disponível em: <<http://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Midia/Entrevista-%96-Ana-Mae-Barbosa/12/10517>>. Acesso em: 16/06/2022).

Entendemos, que através da arte podemos alcançar inúmeras áreas do cérebro através dos neurônios estimulados de forma correta, assim alcançaremos o desenvolvimento cognitivo. E isso não é diferente com a pessoa cega, através da arte podemos desenvolver principalmente o sistema háptico também chamado de tato ativo. Sá, Campos e Silva explicam que:

O Sistema háptico é o tato ativo, constituído por componentes cutâneos e sinestésicos, através dos quais impressões, sensações e vibrações detectadas pelo indivíduo são interpretadas pelo cérebro e constituem fontes valiosas de informações. As retas, as curvas, o volume, a rugosidade, a textura, a densidade, as oscilações térmicas e dolorosas, entre outras, são propriedades que geram sensações táteis e mentais importantes para a comunicação, a estética, a formação de conceitos e de representações mentais. (SÁ; CAMPOS; SILVA, 2007, p. 16).

Todas essas vibrações e sensações podem ser alcançadas com o ensino da arte, o que torna o desenvolvimento cognitivo ampliando assim a percepção, atenção, a memória, a fala e o raciocínio. Onde tudo se dará com práticas sucessivas. Segundo MONTAGU (1988, p.34),

A estimulação contínua da pele pelo ambiente externo, serve para manter tanto o tônus sensorial quanto o motor. O cérebro precisa ser realimentado por informações oriundas

A Arte como auxílio no desenvolvimento cognitivo da pessoa cega

da pele, a fim de efetuar os ajustamentos necessários em respostas aos dados captados. O feedback da pele para o cérebro é contínuo, mesmo durante o sono. Assim o cérebro procura a informação, principalmente quando orienta o indivíduo a olhar, escutar e cheirar. Essa busca é o produto de uma atividade que se organiza autonomamente.

Assim, entendemos que uma pessoa cega pode ir muito mais além, pois sua pele não estará limitada ao campo de visão e fará com que seu aprendizado e desenvolvimento ocorra mesmo quando esteja dormindo.

4. O MÉTODO FEELIPA COMO INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS DAS CORES PARA CEGOS

O método adotado para a realização da oficina de pintura em tela foi o método Feelipa criado em 2009, por *Filipa Nogueira Pires*, onde a mesma sentiu necessidade de tornara as cores acessíveis ao maior número de pessoas possíveis principalmente àquelas com deficiência visual. Na ocasião a mesma realizou uma pesquisa com crianças cegas entre 8 e 10 anos até que pudesse aperfeiçoar, só então no ano de 2013 o método foi apresentado pela primeira vez ao público.

Na oficina realizada não utilizamos as 24 cores da tabela Feelipa, devido ao tempo disponibilizado e as dificuldades encontradas pela participação do público envolvido na pesquisa, que será relatado a seguir, utilizamos a tabela das cores primarias e secundarias totalizando 7 cores o que nos atendeu perfeitamente dentro da proposta.

Após o período de observação e coleta de dados, foi realizada análise dos dados, o que nos permitiu refletir acerca dos objetivos propostos além de propiciar o confronto entre os dados empíricos e a literatura acerca da temática.

4.1 CHARCE: respeito e cidadania a pessoas com deficiência visual

Após várias tentativas em criar um local que atendesse os deficientes visuais existentes em Teresina, Emanuel Veloso, Joel Loureiro, Abdon Nunes, Sebastião Ferreira, Gerardo Nogueira Lima e Eulálio Costa, lideraram o movimento para a fundação da Associação dos Cegos do Piauí, a mesma foi fundada em 21 de junho de 1967. Inicialmente instalada em um prédio na Rua Barroso, pertencente à Diocese de Teresina, cedido pelo então Arcebispo Dom Avelar Brandão Vilela. (RIBEIRO, 2009).

Como o seu presidente, Emanuel Veloso instalou uma escola Braille na Associação com o objetivo de ensinar aos cegos ler e escrever e, mais do que isso, ensinar a trabalhar, isto é, despertar o desejo da formação profissional capaz de transformar o pedinte em um profissional de valor no sentido de lutar por dias melhores sem a marca humilhante da esmola. Pensando em todos os cegos

SOUSA, Maria José Ferreira de. AGUIAR. Odailton Aragão

Emanuel Veloso mandava buscar, em qualquer cidade do Piauí, o cego que quisesse participar da nova era que se iniciava, em Teresina.

Com o aumento do atendimento viu-se a necessidade de uma sede maior e em 1979 a Associação passou a funcionar na Rua Beneditinos, 537, bairro São Pedro, onde se encontra até os dias de hoje. Os deficientes visuais atendidos pela ACEP contam com atendimento educacional e transporte fornecidos pelo Governo do estado.

Atualmente a Associação dos Cegos do Piauí é sustentada através de convênios com o Estado, Prefeitura e também através da contribuição voluntária feita por pessoas da sociedade que se interessam pela causa. Seu atual presidente é o Senhor Adailton Almeida de Pacheco, que conta com uma equipe multidisciplinar, atuando em diversos segmentos da Associação.

Dos deficientes visuais que fazem parte da Associação 40 possuem nível superior, e alguns trabalham na própria Associação, fazendo parte do quadro atual de funcionários Advogado, Psicólogo, Pedagogo, Assistente Social, Professores etc.

O CHARCE – Centro de Habilitação e Reabilitação do Cego, está localizada dentro na sede da Associação dos Cegos do Piauí, Rua Beneditinos, 537, Bairro São Pedro, Teresina-PI.



Figura – 1: Foto da fachada da Acep (foto retirada do facebook da associação)

O CHARCE possui cerca de 4 salas de aulas, sala de professores, refeitório, despensa, banheiro com acessibilidade ou acessíveis a alunos com deficiência ou mobilidade reduzida e conta ainda com a participação de 101 funcionários. Muitos dos alunos da CHARCE almoçam na própria associação, pois no contra turno ele vai para escola secular.

Existe hoje muitas dificuldades na Acep, pois falta material para alfabetização e material escolar, já que os alunos necessitam de reglete e um punção e muitos deles não tem como arcar com essa despesa. Falta ainda material de apoio pois, como a associação depende de doações as mesmas não são suficientes para mantê-la, além dessas dificuldades existe ainda o problema

A Arte como auxílio no desenvolvimento cognitivo da pessoa cega

enfrentado com o transporte da associação, pois muito alunos dependem desse transporte. Mesmo recebendo uma cota de combustível da Secretaria de Educação às vezes não chega a 50% do que utilizam visto que o carro roda cerca de 500 km por dia.

Durante a pesquisa pudemos entender esse déficit de verbas e do quanto a Associação necessita de apoio da comunidade, durante nosso levantamento de dados a diretoria estava vendendo ingressos para um show beneficente para o concerto da van pois a mesma encontrava-se quebrada e muito alunos não tinham como chegar até a associação para poder estudar.

O CHARCE atende aproximadamente 150 cegos, divididos em dois turnos manhã e tarde, entre os quais 23 são crianças e apenas 01 no turno da manhã com cegueira total. Para nossa pesquisa colaboraram conosco 06 pessoas cegas que estão na alfabetização e a idade varia entre 08 a 65 anos.

A alfabetização ensinada no CHARCE não é igual a alfabetização da escola tradicional, onde se aprende a ler e escrever, para eles a alfabetização consiste em reaprender a viver, como eles mesmos dizem, atividades básicas são treinadas novamente como caminhar sem tropeçar, cortar com uma tesoura, se locomover, aprimorar os outros órgãos do sentido.

Dentro do relato indagamos sobre o ensino de artes e nos foi repassado que os próprios professores de polivalência é que repassam essa disciplina com muitas dificuldades, pois a associação não dispõe de material necessário, o que é repassado para eles é de forma simples e são apenas as formas geométricas devido à dificuldade já mencionadas anteriormente.

Dos 06 participantes dessa pesquisa 05 são pessoas nas quais podemos dizer que tiveram uma cegueira adquirida, ou seja, eram pessoas videntes e agora por algum motivo não possuem mais o sentido da visão, apenas 01 já nasceu cega, os nomes foram mudados para preservar a identidade de cada um, conforme descritos a seguir:

Pérola 08 anos	Cega de nascença, pela manhã o pai a leva para a Acep juntamente com sua irmã que é vidente e a acompanha, as duas almoçam na própria associação, depois do almoço o carro da associação as leva para a escola “normal”.
Concha 45 anos	Perdeu a visão em 2014 depois de uma trombose em seu local de trabalho está na Acep para reaprender a se locomover, embora já tenha reaprendido a realizar algumas atividades como lavar roupa, e limpar a casa.
Polvo 63 anos	Perdeu a visão depois de um glaucoma, mora em um abrigo para idosos Lar de Sant’Ana localizado na Av. Rio Poti, 1141, bairro de Fátima.
Golfinho 33 anos	Perdeu a visão devido a uma tuberculose. Afirma que hoje vê o outro lado da cegueira, que não é uma doença e que é possível sobreviver com a deficiência.
Tubarão 48 anos	perdeu a visão depois de um glaucoma e trabalha com solda, como não sabia da doença terminou tendo uma escavação do nervo óptico o que ocasionou a perda total da visão.

Caranguejo 65 anos	perdeu a visão depois de um glaucoma.
--------------------	---------------------------------------

Em média com exceção de Pérola que nasceu cega e Golfinho que está a 3 anos sem a visão os outros participantes perderam a visão a 05 anos.

5 OFICINA DE PINTURA OU COMO VER AS CORES SEM OS OLHOS

A oficina com as pessoas cegas selecionadas foi realizada entre os dias 09/05 a 13 de junho de 2018. A vivência na oficina aconteceu com a aplicação da tabela Feelipa onde distribuímos uma cópia da tabela entre eles fazendo associação entre cor e objeto, evidenciando as dificuldades desse processo e as possibilidades de superação dessas dificuldades. Com relação a essa técnica aprendemos com GRASSI (2008, p.22) afirma que:

A oficina se configura em um laboratório em que experiências de ensino e aprendizagem podem ser desenvolvidas, em que o conhecimento é mediado e significado, em que pensamentos e sentimentos podem se experimentados e expressados. É o espaço privilegiado de produção de conhecimentos, estabelecimento de vínculos e aprendizagem.

Assim, a oficina pedagógica constituísse uma importante ferramenta pedagógica, por sua praticidade, flexibilidade diante das possibilidades e estimular a participação e a criatividade de todos os seus integrantes.

5.1 Descrição e análise da Oficina

A oficina ocorreu na seguinte ordem: No **primeiro dia** foi realizada a apresentação **da tabela Feelipa**, onde cada participante pode perceber e sentir cada forma geométrica e fazer associação das cores com objetos.



Figura 2 – Apresentação da tabela de cores Feelipa

No primeiro dia a Pérola não participou, pois encontrava-se doente, os outros participantes ficaram encantados como puderam sentir as cores e afirmaram que dessa forma fica muito fácil aprender as cores e poder associá-las.

O **segundo dia** nós dividimos por momentos, o **primeiro momento** reapresentamos a tabela de cores nessa ocasião estavam presentes somente 03 participantes, além de reapresentar a tabela para cada um e revisando cada cor e sua forma geométrica, entregamos para cada participante as tintas descritas na tabela, uma após a outra para que pudessem identificar cada cor, nessa ocasião os mesmos fizeram um paralelo entre a cor recebida e cor da tabela identificando e sentido cada cor individualmente. Conforme podemos observar nas imagens abaixo:



Figura 3 - Imagem do primeiro momento

Por ser a primeira vez em contato com as cores de forma concreta Maria Clara ficou muito eufórica e animada e conseguiu assimilar rapidinho a cor a sua forma geométrica.

O **segundo momento** apresentamos as telas para cada participante, cada tela possuía um desenho diferente que fora coberto com barbante criando um alto relevo em cada uma. Cada participante recebeu uma tela e pode sentir através do tato cada imagem, solicitei que me dissessem o que estava desenhado ali, seu Juarez arriscou dizendo que era uma árvore e dona Iracema conseguiu descrever que era um vaso de flores, nos desenhos da tela não utilizamos formas geométricas pois, acreditamos que cada um tem potencial para ir mais além, por isso desenhos em

SOUSA, Maria José Ferreira de. AGUIAR. Odailton Aragão

tela era de flores e folhas, desenhos nos quais poderíamos utilizar ainda mais as cores repassadas a cada um, e de contra partida eles puderam conhecer e sentir formas e traços diferentes, conforme apresentamos nas fotos a seguir:



Concha



Pérola



Polvo

O **terceiro momento** da oficina foi a hora de praticar tudo que aprenderam sobre as cores, cada um pode escolher a cor que ficaria na sua tela, já preparada anteriormente (cada tela foi desenhada em lápis e os traços cobertos com barbante, para criar um alto-relevo), esse momento foi inexplicável, Pérola quando indagada respondeu de prontidão que queria uma flor amarela, solicitei que ela pegasse a cor amarela ela pegou em cada pote e sentiu a cor amarela, seu Juarez meio tímido escolheu suas cores, já dona Iracema pegou em cada cor sentiu uma pós a outra e decidiu suas cores. Quando indaguei quais as cores que eles pintariam as flores os três responderam ao mesmo tempo, que seria verde e cada um pegou o verde dentre as demais cores.

Quando começaram a pintar confesso que fiquei um pouco apreensiva, mais cada um a seu modo sentiu onde estava cada parte do desenho, o que chamou minha atenção foi a de pintar de cada um.



A forma de pintar de Concha é uma forma delicada ela vai pegando parte por parte sentindo cada detalhe, passando os dedos nas folhas e preocupada sempre se estava fora da área delimitada.

Para Pérola pintar foi mais que divertido e sua forma é diferente dos demais ela sentiu toda a tela, depois com tinta no pincel começou suas pinceladas de um lado para o outro sempre dentro do espaço delimitado pelo barbante.

Pérola colocava os dedos no fim de cada desenho e seguia com o pincel até próximo de seus dedos, o pincel segurou de maneira firme e suas pinceladas eram fortes.

Apesar de ser a primeira vez que Pérola teve contato com as cores de forma concreta e pintar sua primeira tela, o seu desempenho foi excelente, o que me chamou mais a atenção em suas pinceladas é que mesmo sendo firmes ela conseguia ir com o pincel somente até as limitações da imagem. Pérola é uma menina muito espontânea, disse que artes é a matéria que ela mais gosta, quando perguntei se na escola ela já havia pintado alguma vez ela respondeu que nunca tinha pintado na escola, pude ver em Pérola que tem muito potencial e que ficou muito feliz com a pintura em sua tela. E o resultado segue na imagem abaixo.



Polvo já é mais cauteloso vai pintando pequenas partes, sempre passando os dedos nos limites de cada parte do desenho, sempre preocupado pintando cuidadosamente para não ultrapassar as delimitações do desenho.

Polvo afirmou que pintar ajuda a relaxar e a pessoa consegue pintar se tiver força de

vontade, ficou muito feliz com o trabalho que fez e espera poder fazer de novo.



Diante a tudo que podemos observar e vivenciar durante essa pesquisa ficamos extremamente satisfeita com os resultados obtidos, o que nos deixou triste foi o fato que nem todos puderam participar desse outro momento devido a dificuldades individuais de cada um.

Durante nossa pesquisa entendemos que a perda da visão é um momento traumático, mas que não impede em nada dessas pessoas a realizar atividades do cotidiano e superar um dia após o outro.

AMIRALIAN citado por MASINI (2007, p. 149) diz: “A situação da deficiência visual, a perda da visão, em maior ou menor grau, é sem dúvida uma situação traumática, pois o mundo é organizado por símbolos, dos quais as palavras, imagens, quadros, são um dos maiores veículos de apreensão do ambiente”.

Percebemos ainda que o método Feelipa é de suma importância para que a pessoa cega possa aprender a usar as cores, não só na pintura e uma tela mais, ampliar no seu cotidiano, através do desse método a pessoa cega poderá aprender não só a pintar mais ir muito mais além no universo das cores.

Torna-se algo marcante, como essas pessoas têm a capacidade de construção distinta e significativa do conhecimento e identificamos que a experiência auditiva ou tátil associadas, mediadas pela interação e concessão, permitindo a ação contextualizada, são imprescindíveis para

A Arte como auxílio no desenvolvimento cognitivo da pessoa cega

a formação de imagens e conceitos, pois possibilitam ao aluno estabelecer relações imediatas e não-fragmentadas para poder compreender o meio e aprender.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através desta pesquisa pudemos constatar que uma pessoa cega aprenderá de forma diferente, a pintar e fazer uso das cores, e que sem dúvida o seu desenvolvimento cognitivo será ampliado de forma significativa.

Dificuldades sempre acompanharão a trajetória de aprendizado do deficiente visual e também do arte educador, por isso a necessidade de entender as limitações e os desafios a serem superados.

O presente trabalho destaca a necessidade de se refletir sobre o ensino da arte para pessoas cegas e de como se torna importante no que se refere como auxiliar no desenvolvimento cognitivo de cada um. Através da oficina foi possível entender um pouco de como essas pessoas são capazes de superação e de que como o tato é ampliado de forma a fazê-las ver através das mãos.

Dentro desse universo da pintura temos como exemplo os quadros do pintor John Bramblitt que perdeu a visão aos 30 anos e depois de uma depressão começou a pintar, hoje ele trabalha como consultor de museu para inclusão de todos. Entendi que sim é possível uma pessoa cega pintar telas de forma especial, pois o que existe não é a questão de ver as cores mais de senti-las em cada traço pintado.

Seria pretensão acreditar que a discussão acerca dessa temática esteja concluída. Muito se tem ainda para pesquisar e analisar a respeito desse tema. Restam outros pontos merecedores de grande atenção, que deverão ser considerados em pesquisas futuras.

Desse modo, nesse estudo esperamos ter colaborado com a produção de conhecimento de como as Artes Visuais pode influenciar o desenvolvimento cognitivo da pessoa cega.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. Entrevista .Carlos Gustavo Yoda e Eduardo Carvalho – Carta Maior – Disponível em: < <http://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Midia/Entrevista-%96-Ana-Mae-Barbosa/12/10517> >. Acesso em: 16 jun. 2022.

BRAMBLITT, John. <<https://bramblitt.com/pages/about-us>>. Acesso em: 15 jun. 2022.

SOUSA, Maria José Ferreira de. AGUIAR. Odailton Aragão

FEELIPA. <http://www.feelipa.com/pt/>

FONSECA, Vitor da. **Cognição, neuropsicologia e aprendizagem: abordagem neuropsicológica e psicopedagógica**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

GRASSI, Tânia Mara. **Oficinas psicopedagógicas**. 2d. rev. e atual. – Curitiba: ibpex. 2008.

MASINI, E. F. S. **A pessoa com deficiência visual: um livro para educadores**. São Paulo: Vetor Editora, 2007

MENDES, Francisco Lemos. FERREIRA, Paulo Felicissimo, **Uma história centenária**. Revista Benjamin Constant, Ed. 01, set, 1995. Disponível em: < <http://www.ibc.gov.br/?catid=4&itemid=44>>. Acesso em: 22 jun.. 2022.

MONTAGU, Ashley. **Tocar: o significado humano da pele**. São Paulo: Summus, 1988.

ROSA, Louise da, SELAU, Bento. **Algumas Considerações sobre o Processo de Alfabetização de Crianças Cegas**. Revista Benjamin Constant, Ed. 49, ago, 2011. Disponível em: < <http://www.ibc.gov.br/?catid=160&blogid=1&itemid=10223>>. Acesso em: 18 de jun. 2022.

RIBEIRO, Pedro Mendes. **Emanuel Veloso: Os olhos da alma**. Teresina: Halley S.A, 2009.

SÁ, E. D.; CAMPOS, M. I.; SILVA, M. B. C. **Atendimento educacional especializado**. MEC/SEESP/2007

Submetido em: 02 de ago de 2022.

Aprovado em: 26 de out de 2022.

Publicado em: 28 de dez de 2022.